

Senado mantém representação no Rio e deixa de poupar R\$ 1 milhão por ano

Benedita defende manutenção do Senadinho dizendo que se trata de patrimônio:

Lydia Medeiros

• BRASÍLIA. Os senadores deixaram de fazer uma economia de pelo menos R\$ 1 milhão por ano ao aprovarem ontem a manutenção da representação do Senado no Rio, o chamado Senadinho. Por 24 votos a 22, a Casa não aceitou essa proposta do projeto de reforma administrativa apresentado pela Mesa Diretora e decidiu manter o serviço, que funciona no Palácio do Itamaraty, oferecendo aos senadores gabinetes, apoio técnico e assistência 24 horas no aeroporto. São dez carros, 25 linhas telefônicas e 48 funcionários com salários de R\$ 3 mil a R\$ 4 mil; treze deles ocupando cargos de confiança. A defesa do Senadinho partiu principalmente da senadora Benedita da Silva (PT-RJ), que comandou a resistência e arregimentou votos em todos os partidos.

— Condene as mordomias. O que defendo, com toda minha convicção, são os interesses do Estado do Rio de Janeiro, de sua população, assim como outros parlamentares legitimamente defendem os interesses de seus estados, sem que isso se constitua em fisiologismo ou corporativismo — argumentou Benedita.

Benedita afirma que fim do Senadinho não traria economia

Desde a semana passada, Benedita vem mobilizando os senadores para apoiar a emenda que modificava o projeto mantendo o Senadinho. Ela disse que não usa os serviços da representação e que o fim do Senadinho não traria economia, porque seus funcionários teriam que ser transferidos para Brasília, onde continuariam trabalhando. Benedita acusou a Mesa de sugerir a extinção por não ter coragem de, por ato administrativo, acabar com cargos de

confiança e mordomias.

— O Senadinho foi o centro de todas as articulações políticas desde o Império às democracias contemporâneas e é um patrimônio que precisa ser preservado. A Mesa recebe um relatório anual que nunca é divulgado e agora quer tomar uma atitude política porque não quer fazer um ato administrativo. Os protegidos continuarão protegidos, lá ou aqui. Eu não uso a estrutura dos gabinetes, porque tenho gabinete no Rio; e não uso carro ou motorista, porque tenho o meu motorista preferencial que é o meu marido,

Antônio Pitanga — rebateu a senadora petista.

O senador Artur da Távola (PSDB-RJ) também defendeu o Senadinho. Segundo ele, existe uma campanha da imprensa para acabar com a representação porque há desconhecimento de suas atividades. Ele propôs uma reformulação nos serviços e a transformação do órgão num centro de pesquisa do Senado.

— Outros países têm postos de pesquisa. O Rio tem a Biblioteca Nacional, a Academia Brasileira de Letras e poderia abrigar no Senadinho um centro de pesquisas

do Senado — afirmou o senador.

Apesar do placar apertado, que mostrou a divisão dos senadores, não houve discursos entusiasmados pelo fim da representação. O senador Ney Suassuna (PMDB-PB), por exemplo, nem chegou a votar mas, em entrevistas, se declarou favorável à extinção. Relator do projeto, ele disse que é preciso manter um serviço no aeroporto, porque os senadores não têm mais vitalidade para carregar malas.

— Como é que o Josaphat (Marinho, PFL-BA) pode carregar uma mala? — disse Suassuna.

Freire tentou convencer colegas a votar pelo fim do Senadinho

Também a favor do fim da representação, o senador Roberto Freire (PPS-PE) afirmou que tentou mudar os votos de alguns colegas, mas não teve sucesso. Só conseguiu fazer com que o senador Ernandes Amorim (sem partido-RO) decidisse se abster.

— Estão tirando tudo dos senadores. Vamos ficar com o quê? — argumentava Amorim com os colegas da Casa.

O projeto que pedia o fim do Senadinho foi apresentado pela Mesa em 1995 e faz uma reformulação mais ampla no Senado, acabando com cargos e fundindo estruturas. Segundo a Mesa, o projeto original traria ao Senado uma economia de cerca de R\$ 8 milhões anuais. Mas com, as emendas aprovadas, essa diminuição de gastos não deverá passar de R\$ 13 mil.

O presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), defendeu o fim do Senadinho, mas considerou a aprovação da reforma da Casa positiva. Sarney foi discreto ao lamentar o resultado que manteve a representação no Rio:

— Não há buquê sem manjeriça — disse. ■